

Remédios são a principal causa de intoxicação

Encontro da OMS começa amanhã no Rio de Janeiro para discutir o problema, que só tem aumentado desde 1993

Chico Otávio

• O consumo abusivo de medicamentos está virando um drama nacional. Estatística recém-concluída pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) revela que as intoxicações provocadas por medicamentos estão crescendo no Brasil a uma taxa anual de 10% desde 1993. Os remédios já ocupam o primeiro lugar no ranking brasileiro dos agentes causadores de intoxicação, respondendo por 26% dos casos notificados em 1995 e 33% no ano passado. O percentual de 1996 é quase o dobro dos casos de intoxicação provocados por animais peçonhentos — cobras, escorpiões e aranhas — que aparecem em segundo lugar, com 17% do total do período. Para discutir o assunto, especialistas se reúnem, a partir de hoje, no Rio, no 10º Encontro de Trabalho dos Centros de Controle de Intoxicações, evento promovido pela Organização Mundial de Saúde e pela Fiocruz.

Levantados pelo Centro de Informação Científica e Tecnológica da Fiocruz, que produz a estatística oficial sobre intoxicações e envenenamentos no Brasil, os números servem de alerta às autoridades sanitárias: nunca se consumiu tanto remédio no país sem receita médica.

Para a diretora do centro, Maria Élide Bortoletto, o aumento das intoxicações por medicamentos está associado principalmente à automedicação. Segundo ela, a estabilidade da moeda, a falta de fiscalização e a prescrição informal — praticada em larga escala nos balcões das farmácias do país — estão provocando uma corrida às prateleiras de medicamentos.

As estatísticas são produzidas

com dados do Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (Sinitox). Como as notificações não são obrigatórias, os resultados são lentos e precários. Somente agora, os técnicos da Fiocruz conseguiram concluir o levantamento de 1995. O resultado indica que as crianças menores de 4 anos são as maiores vítimas das intoxicações, com 22,8% dos casos registrados no período.

Brasileiro convive com perigo da intoxicação na própria casa

Os adultos de 20 a 29 anos aparecem em segundo lugar, com 19% do total. Os idosos, que normalmente consomem mais medicamentos, têm uma participação pequena no quadro geral: apenas 6,6% dos casos de intoxicação ocorreram com pessoas acima dos 60 anos.

Os números do Sinitox demonstram ainda que o brasileiro convive com o perigo da intoxicação na própria casa. De 1993 a 1995, 65% das intoxicações em crianças abaixo de 4 anos foram provocadas por agentes tóxicos normalmente guardados em residências: medicamentos, produtos sanitários e produtos químico-industriais. Num plano bem abaixo, figuram os animais peçonhentos (7,5%), plantas venenosas (5,5%), pesticidas domésticos (4,5%).

Um pequeno descuido pode ser desastroso. Além de não contar com embalagens especiais ou travas de segurança — prática comum nos países desenvolvidos — esses artigos, muitas vezes, aguçam a curiosidade infantil. São embalados em caixas coloridas e apresentam odor e sabor adocicados. Perplexa com o des- caso de alguns fabricantes, Maria

Élide exibe duas caixas de um mesmo remédio, uma para crianças e outra para adultos, para alertar que as embalagens são muito parecidas.

— Muitas vezes, uma dose de medicamento para adultos pode ser fatal, se consumida por crianças. A diferença é mínima, muitas vezes limitada aos dizeres da embalagem, que a criança não sabe ler. Além do mais, na angústia de socorrer o filho, muitas vezes os próprios pais se confundem e dão o remédio errado — explicou Maria Élide.

O quadro nacional das intoxicações também reflete os problemas sociais do Brasil. Dos 4.775 casos de intoxicação por agrotóxicos em 1995, 877 atingiram crianças de até 14 anos. São 18% dos casos, o que comprova a larga utilização do trabalho infantil no campo. As crianças não recebem equipamentos de proteção e nem a orientação adequada.

Recém-concluída, a estatística de 1995 espelha uma realidade restrita a 50 mil casos, fornecidos por 24 centros de assistência toxicológica do país. Como a notificação não é compulsória, sete centros deixaram de enviar os seus dados, prejudicando a definição de políticas regionais para prevenção e assistência aos intoxicados.

O problema se repete a cada ano. Até o momento, o Sinitox só recebeu dados do ano passado de 22 centros. Ainda assim, 15 deles mandaram números incompletos, atrasando a conclusão de nova estatística. Pelo que os técnicos perceberam até agora, a situação de 1996 é praticamente igual à do ano interior, com destaque para os medicamentos, cuja participação cresceu sete pontos percentuais. ■

Editoria de Arte

